



# GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista  
(Literario e Noticioso)

Orgão e propriedade da

Junta Municipal de Guimarães

Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO

*Pardiez siete arrepelones  
Al peçaron a la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascos  
VAQUEIRO*

Dire-tor:

D. José Ferrão.

Adm. e Editor:

Domingos F. Guimarães.

Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO  
Rua do Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARÃES

## Um trabalho intelectual na Exposição

### SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA DO CONCELHO

Não figura no catálogo oficial da Exposição Industrial e Agrícola — a cujo successo se envaldeamente estamos assistindo — uma secção bibliográfica. E, contudo, essa secção não está deserta. Guardou-se o talento do ilustre filho da terra, o sr. dr. Eduardo d'Almeida, da minha alta consideração e apreço.

A sua brochura de 255 páginas sob o titulo tam suggestivo e tam exacto — «Romagem dos Séculos», é um trabalho estrutural, constituindo um precioso subsidio para a história económica de Guimarães. Quiz o seu autor oferecer, como éle próprio diz, em modéstia, uma «amigalha» «seca» e «pequeninha» á terra que lhe foi berço. «no momento em que os mais pobres nhos contribuem para a sua Festa do Trabalho».

Não se afirma, pois, que ficou em branco a secção bibliográfica da Exposição Industrial e Agrícola de Guimarães, realzada em 1923.

Lemos o trabalho do nosso querido amigo. E em verd de a impressão que da sua obra nos ficou, foi esta: Concatenar tantos materiais da nossa projecta história local; cerzi-los num tam admiravel espirito de observação e de comentário; dá-los á publicidade num meio em que só raris leem o condio de istilo de os saber apreciar, é não só testemunho eloquente de clara erudição, mas também benemerencia carinhosa prestada á terra! Sim, não esqueçamos isto: o género de literatura tratado pelo autor, não lhe emprestou sequer illuões de que a sua obra obteria um successo de livraria. «Temerária empreza» lhe chamou; e, em rigor, apreciados os resultados encontrados entre o custo e a venda do livro, só um prêmio de consolção, mormente na conjuntura, o dr. Eduardo d'Almeida obtem. Esse prêmio é este: o de poder afirmar que serviu as letras com probidade e a sua terra com talento!

E, chamem embora a isto *mêda fraca*, — se vivemos em plena *feira-da-badra* de inteliências e consciências! — caso é que ainda não sosobrou no sorvedouro uma restrita minoria que, graças aos deuses!, não tem bocejos de enfado, nem fere em *escarninha mofa* trabalhos da laida «Romagem dos Séculos»; antes ao proficiente e paciente autor agradece o prazer espiritual da sua magnifica lição rebuscada na herança cada vez mais curiosa do passado.



Virá talvez a propósito recordar que o estudo serio e documental da nossa história local, em rigor foi iniciado em 1882, quando a Sociedade Martins Sarmento entrou de publicar a «Revista de Guimarães». Ao Padre João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, devem os monografistas, como o autor da «Romagem dos Séculos», excellentes materiais; pois, como muito bem disse o seu malogrado continuador, o dr. João de Meira, «tudo o que p. de ter interese e historico relativamente a Guimarães e se encontra nos nossos cartórios públicos ou particulares, nos cartórios eclesiasticos de Braga e no Arquivo da Torre do Tombo, foi por éle publicado, ou simplesmente indicado, ou ficou nas suas notas & espera de uma oportunidade que a morte não deixou chegar.»

Por felicidade nossa ai temos o dr. Eduardo d'Almeida que está inteiramente votado ao estudo das origens etnicas e sociais da vetusta Guimarães, o qual, ajudado por sua vez com a honesta competência do sr. João Lopes de Faria — para quem os nossos arquivos não tem segredos impenetraveis — vem prosseguindo na lida canserosa da pesquisa e estudo dos materiais que são herança do nosso patrimonio colectivo.

A «Romagem dos Séculos» é, como em nota final anuncia o seu autor, o primeiro volume duma grande obra cujo esboço éle faz, e que, a ter continuidade, fulgurará como um alto e assinalado serviço

prestado á educação popular da nossa terra, tam carecida de conhecer a sua própria história fora d'is anedotas dos botequins e de entercidas lendas.

Ao dr. Eduardo d'Almeida, a quem o pó dos arquivos não mancha a frescura dos seus punhos de renda de lit-rato polido e brilhante, um abraço de reconhecimento como vimaranense; e aos organizadores da Exposição um cumprimento de parabens pela suggestão de oportunidade que criaram ao autor da «Romagem dos séculos» — cuja obra posta em humilde estante lá dentro, parece dialogar com os *stands* da industria, dizendo-lhes: «Sou como vós, fruto do trabalho. O mesmo sol de gloria nos cobre. Sciência e Trabalho dêmo-nos as mãos! Caminhemos!» — A. L. de Carvalho.



## AO CAIR DA TARDE...

*Vem ver o que estou vendo, oh meu Amor!  
Vem ver o Sol a pôr-se no horizonte  
E ouvir comigo a branda voz da fonte,  
Que se ouve ao longe, em ritmo inspirador!...*

*Aqui, tudo é sublime, neste monte:  
Olha! a brisa cicca sem rumor...  
Só as aves do Ceu ao Deus-Senhor  
Cantam canções numa toada insonte!*

*Que belo, Amor, nós irmos de mãos dadas  
A este monte saudar as Madrugadas  
Depois de nos casar o Santo-Abade...*

*Noss' Alma iria então (ouve o que eu penso),  
Para onde vai o fumo do incenso  
Que nos aponta onde é a Eternidade!*

Ruy Galvão de Carvalho.

(Do livro «FLORES DE PRIMAVERA»)

to as fúrias do Adamastor como os potentados e numerosos exércitos castelhanos.

E Aljubarrota foi uma dessas lutas titânicas em que a qualidade venceu o número.

E' que os guerreiros portugueses, menores em número, tinham qualidades superiores de valentia e coragem que as tropas castelhanas. E o número tinha fatalmente de ser — como o foi — vencido.

Aljubarrota, constituindo para a nossa Raça um dos seus melhores feitos, veio, ao mesmo tempo, immortalisar a figura grandiosa de Santo e Herói que foi D. Nun'Alvares, «homem envolto em carnes, de estatura que mais ia a grande do que a pequeno: tinha o aspecto varonil, o rosto comprido e formoso, era alto e louro, tinha os olhos pequenos, mas mui resplandecentes, pouca barba, e saída para baixo», como no-lo pinta Frei Simão Coelho, no *Compêndio de Crónicas* (ano de 1572).

Essa figura sublime de Santo e Herói que, desprezando as galas enganosas do mundo, veste o burel dos carmelitas para dedicar o resto da sua existência á penitência, sempre pronto, no entanto, a vestir de novo o seu arnez *se de novo o rei de Castela declarasse guerra a Portugal*, é o exemplo mais

vivo que caracterisou o nosso Povo no seu desinterese em servir a Deus, á Pátria e ao Rei.

Hoje, que de novo a nossa Raça está no ocaso, nós temos Fé na nossa Ressurreição.

E' que a Pátria que conta na sua história imortal os maiores feitos de maior valor não pode perecer, e não perecerá. Como Feliciano de Castilho, eu creio que Ela se embriagou «na taça cheia de prosperidades, e a raposa venceu o leão.» «Embora! Tu, Pátria, viverás e florirás; ainda caída, inerte, roubada, despida do manto de rufina, serás grande e magestosa no teu dormir, porque o ceu que te cobre será sempre o mesmo ceu de bênção e as ondas que orlam o teu perfumado leito murmurarão de continuo aos teus sonhos as tuas glórias, tão numerosas como eles.»

M. A. d'Oliveira.

## ALJUBARROTA

Aljubarrota foi a mais bella demonstração das virtudes da Raça Portuguesa. Foi como que um prolongamento de Ourique. Numa como noutro as circunstancias principais em que se desenvolveram os combates, são quasi identicas.

Em Ourique consolidou-se a Nacionalidade ainda embrionaria. Em Aljubarrota consolidou-se a nossa independencia a meação da pelas pretensões do rei de Castela, casado com D. Beatriz, filha

do Rei Formoso. Em Ourique formou-se a primeira dinastia cujo período foi de 1143 a 1385. Em Aljubarrota formou-se a dinastia de Avis — *de inclita geração altos infantes* — cujo período foi de 1385 até aos areais de Alcacêr.

O poder naval português que a dinastia de Avis veio encontrar iniciado, havia de nos levar, como nos levou no reinado do Venturoso, ás maiores façanhas marítimas, aos descobrimentos e con-

quistas dos novos mundos. E o instrumento naval era tão homoganeo na sua estrutura, era tão forte na sua construção e tão formidavel o impulso que recebeu, que, em menos de duas gerações, principiava a conceder-nos a immortalidade.

As-im, abrimos á civilização europeia o mundo inteiro, com a prôa das nossas caravelas, ao mesmo tempo que davamos o exemplo da nossa indómita coragem, bravura e acção, desafiando tan-

A republica não resolve nada. Governo de incompetências, de multidão, olha a quantidades e despreza a qualidade. Nestes três anos de tirocinio a republica tem levado uma vida de degradação moral e politica, de miséria económica e administrativa. O que tem feito o regime? Arrastar pela lama o País que continua enfundado nas mãos sujas dos democraticos — quadrilha de verdadeiros foragidos de Ribaflores.



## A IMPRENSA DA INVICTA

VISITA, A CONVITE DA  
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL,

## A Exposição Industrial e Agrícola Concelhia

UM BANQUETE ANIMADO E CHEIO DE AFIRMAÇÃO  
PATRIÓTICA E BARRISTA :: MANIFESTAÇÕES DE  
FÉ E DE CONFIANÇA NO FUTURO DE GUIMARÃES

A convite da prestante e benemérita Associação Comercial e Industrial, vieram até nós, na última segunda-feira, os representantes dos jornais do importante centro do Porto, sendo acompanhados pelos seguintes cavalheiros: senhores José dos Santos Viegas, muito digno engenheiro-chefe da 1.ª circunscrição industrial; engenheiro-adjunto Alberto Soares Ribeiro da Costa; engenheiro Edgardo Martins Torres e Augusto Mendina de Faria, sub-inspector de trabalho da 1.ª circunscrição.

Na gare da nossa estação do caminho de ferro eram os jornalistas e a ilustre comitiva de técnicos aguardados pela ilustre direcção da Associação Comercial e Industrial, representantes da imprensa de Guimarães e muitos outros cavalheiros.

Saudados os nossos hóspedes com uma carinhosa recepção, seguiu a comitiva de jornalistas, de técnicos e mais convidados em automóveis a caminho do recinto da Exposição, que continua patente no edificio da Escola Industrial «Francisco de Hollanda».

Concluídos os cumprimentos e apreensões do estilo, aos redactores dos jornais do Porto e convidados foi-lhes oferecido um bem servido banquete num pitoresco e aprazível local nos terrenos da Exposição.

Cabem os lugares de honra, respectivamente, ao digno presidente da A. C. e I., sr. Manuel Martins Barbosa de Oliveira, ladeado pelos representantes dos nossos colegas «Comercio do Porto» e «Jornal de Notícias», e ao sr. engenheiro Santos Viegas, representando o sr. ministro do trabalho, tendo ao lado direito os representantes do «Primeiro de Janeiro» e do nosso presado colega local «Comercio de Guimarães».

Sentavam-se noutros lugares os representantes da «Tribuna» e da «Montanha», nossos colegas portuenses, bem como os nossos colegas locais «Voz de Guimarães», «Pro Vimarane», «Ecos de Guimarães», respectivamente representados pelos srs. Eugenio Vaz Vieira, Bernardino Faria Martins e João Pereira da Costa. O nosso jornal estava representado pelo sr. Domingos F. Guimarães. Tomaram também parte no banquete muitos industriais, comerciantes, professores e mais individualidades de representação no nosso meio social e artistico.

Foram iniciados os brindes pelo venerando presidente da nossa Associação Comercial que, ao erguer a sua taça, saudou o sr. Santos Viegas, os srs. Ministros do Trabalho e do Comercio, bem como assim todos os que cooperaram na gigantesca e magnifica obra que é a nossa Exposição Industrial e Agrícola Concelhia.

Da imprensa ali representada, falou em primeiro lugar, o nosso ilustre colega do «Comercio de Guimarães», sr. Antonio J. de Azevedo Machado, que brinda á imprensa da Cidade da Virgem.

Segue-se no uso da palavra o engenheiro sr. Viegas, que, ao agradecer as saudações do sr. presidente da A. C. e I., fez considerações muito apreciáveis sobre o desenvolvimento progressivo da industria e sobre as relações economicas, apresentando duma forma clara o valor moral e material das

exposições na vida duma nacionalidade. O sr. Santos Viegas foi muito saudado.

O nosso presado colaborador sr. A. L. de Carvalho brinda a seguir, proferindo um belo discurso. Chama a atenção de todos para a nossa Escola Industrial que se torna indispensavel engrandecê-la para que seja fecunda, pois se diz que ela vem sendo transformada num conservatorio de teorias, como o afirma um ilustre publicista.

O nosso amigo e ilustre colega foi muito aplaudido.

Usam então da palavra os srs. José Pinto e Horacio Pinto, agradecendo este, em nome da imprensa do Porto, pois representa o jornal mais antigo, o nosso distinto colega «Comercio do Porto», o honroso convite, tendo palavras de carinho e de elogio para Guimarães e para seus ilustres filhos.

Numa voz de sincero e comovente entusiasmo, o nosso amigo sr. Francisco Martins, o incansavel trabalhador, o infatigavel Francisco Martins, que foi um «negrião» noite e dia, quer na Exposição, que muito ama, quer ainda cá fora, nas ruas, auxiliando e chegando coisas, trabalhando e dando ordens, mostrou quanto de grande tem a sua alma devotadamente bairrista, religiosamente vimaranesse. Francisco Martins ama muito a sua terra e todo o seu orgullo é vê-la engrandecer mais e mais! O grande entusiasta de Guimarães foi deveras ovacionado.

Cabe a vez de falar ao nosso distinto conterraneo, sr. dr. Eduardo d'Almeida, ilustre presidente da Sociedade Martins Sarmento e primoroso e delicado prosador. Como sempre succede, sua ex.ª burilou um naco de frases formosas e elevadas de arte e de ritmo literario. Escusado será dizer que não foi um brinde, mas sim uma oração cheia de um entranhado amor á Terra que nele tem um amigo, um grande e desinteressado amigo.

No final do seu discurso, foi o nosso ilustre amigo saudado por todos os presentes com prolongadas salvas de palmas e muito cumprimentado.

Os nossos colegas srs. Jeronimo Sampaio, alma desinteressada e bairrista até á raiz dos cabelos, gracioso e inofensivo quer falando ou escrevendo, e Bernardino Faria, alma do «Pro Vimarane», rematam os brindes.

Entre alguns dos convivas trocam-se apaixonadas impressões. O banquete, que esteve sempre muito animado, e onde por vezes a confraternização foi de uma verdadeira e franca solidariedade geral, terminou entre entusiasticos aplausos e vivas a Guimarães, á Associação Comercial, a João Rodrigues Loureiro, a Francisco Martins, á imprensa, etc., etc.

O «Gil Vicente» agradece desvanecido o honroso convite.

Domingos RIBEIRO.

Falta-nos o espaço para transcrever aqui as justissimas apreensões feitas aos stands da Exposição pela imprensa do Porto. Porém não queremos deixar de arquivar nas nossas colunas as referencias dos nossos colegas daquela leal cidade. A medida que o espaço no-lo permita ire-

mos publicando tudo quanto diga respeito ao formosissimo certamen que foi a Exposição Industrial e Agrícola Concelhia. Assim, pois, fala o enviado especial do nosso colega «Jornal de Noticias»:

«Sentimos ainda bem gravada, consoladora e dominante, a impressão que recebemos quando, na segunda-feira, fomos de visita á Exposição Industrial e Agrícola Concelhia de Guimarães.

Esta cidade acaba de dar a todo o país um grande ensinamento e as forças vivas que tomaram a iniciativa de organizar a Exposição, merecem todo o nosso aplauso, no qual envolvemos a Associação Comercial e Industrial de Guimarães, que foi a alma creadora de todas aquelas belezas.»

«Temos de afirmar bem alto, para honra da verdade e da justiça, que a Feira do Porto não tinha mais arte que a Feira de Guimarães, chamemos-lhe assim.

## «Ontem e Hoje»

I

À MARGEM DA VIDA  
DE LUIS DE CAMÕES

Ao iniciar a publicação de uma série de artigos de Literatura nacional nos tempos passados e modernos — que me propuz levar a efeito — escolhi para o inicio desse longo trabalho subordinado ao titulo geral de «ONTEM E HOJE» — a figura do grande épico português que foi Luis de Camões. Começarei, pois, por descrever a sua vida duma maneira geral sem entrar em considerações, ou melhor, em investigações minuciosas a este respeito tanto mais que ninguém ignora o que foi a vida atribulada e cheia de espinhos daquele que representa a «encarnação máxima da poesia nacional. E começo por descrever a sua vida porque para alguma coisa poder dizer — visto muito se ter dito já — acerca da obra de Luis de Camões é condição essencial o conhecimento dos traços gerais da sua biografia. E digo que é condição essencial porque entre a vida e a obra do autor dos «Luziadas» há uma intima afinidade, uma extraordinária ligação. No melhor, no superior, no mais belo e mais esteta dos seus sonetos dedicados a *Nárcia*, a sua amada, que acabava de abandonar o mundo arrastada pelas garras da morte invencível, encontramos a confirmação da opinião que aqui transmitimos. Muitos outros sonetos, elegias, canções, etc., poderíamos apresentar para mostrarmos duma maneira clara e categorica que a nossa afirmação não é apenas ditada pelo nosso espirito, mas também pela realidade dos factos. Até nos próprios «Luziadas» essa confirmação encontramos.

E' sempre a sua vida bem alheia da á sua obra. Reservamos, contudo, esses comentarios para o próximo artigo, limitando-nos por hoje a tratar da Vida de Luis de Camões.

Explicamos, agora, qual a causa que nos levava a dar a este trabalho o titulo comum de «ONTEM E HOJE».

Bento Caldas.

(Continua).

## Integralismo Lusitano

«O NOVO PRINÓIPE»

Os direitos do homem.

Capitulo I.

A LIBERDADE.

...prima mali labes.

Virgilio.

Tantas e tão elegantes cousas tem sido ditas e escriptas, ha cousa de duas duzias de anos, acerca do objecto que faz o assunto deste capitulo, que nada seria tão facil como achar em todo este panorama de lindas nadas com que inflammam a imaginação dos leitores fallando-lhes da liberdade; desta mentirosa cadima, que tanto nos tem prometido... e que tão pouco nos dá! Porém o intuito com que se escreveu este livro não foi para excitar as paixões, foi para desassombrar a razão. Malditos serão aqueles que primeiro acenderão os fogos faluos da eloquencia para conduzirem os homens a precipícios!

Desenganemo-nos por hum a vez: a liberdade não he hum fim, he hum meio. Por ventura, quando se pede a liberdade para os povos, he só para que as nações sejam livres? Não; he porque se supõe que ó nente por este meio he que serão os homens felizes. Logo, se se vier a provar que o meio não corresponde ao fim, he preciso regeita-lo como inutil; e se se vir que corresponde a hum fim inteiramente opposto ao que se deseja, he preciso prescreve-lo como perigoso. Eis aqui o que diz a este respeito em Plutarcho um habitante de Sicyone: «O primeiro dos nossos reis foi Orthogoras, o ultimo que tivemos foi Clisthenes. Os deoses que applicão muitas vezes remedios violentos a males extremos, fizeram nascer estes dous principes para nos resgatarem de huma liberdade ainda mais funesta que a escravidão».

Isto posto, examinemos a liberdade nos seus effeitos e resultados, e vejamos até que ponto esta chave que nos veio de França para com ella abriremos as portas do templo da felicidade, nos pôde servir para o fim para que hum exercito de philantropos a recommenda.

Chama-se liberdade a facultade que cada homem tem de pôr em acção todas as suas vontades; e chama-se direito a razão sufficiente, isto he, justificante de cada huma das suas acções. Como a razão sufficiente dessas acções não he senão a liberdade de as praticar, segue-se que, quando se considera o homem isolado de todos os outros individuos da sua especie, os seus direitos e a sua liberdade vem a ser huma e a mesma cousa.

A tendencia natural do homem he procurar a sua felicidade; isto

he (fallando de baixo da mesma hypothese), satisfazer todas as suas previsões, e appropriar-se de tudo o que pôde causar-lhe prazer, commodidade ou satisfação. Em razão desta tendencia natural, colherá o homem os fructos das arvores para se nutrir — matará os animais para se vestir com as suas pelles — destruirá e queimará as plantas para se aquecer; e todos estes actos de destruição se supporão praticados em consequencia dos seus direitos, isto he, da sua liberdade.

## Senhora da Oliveira

Foi deveras imponentissima a festividade á Padroeira da Cidade, á Virgem Nossa Senhora da Oliveira, realizada nos pretéritos dias 14 e 15.

No dia 14, comemoração da Batalha de Aljubarrota, celebrou-se, no Padrão, uma missa campal, com sermão pregado pelo distinto orador rev. dr. Avelino Soares, achado-se representadas as autoridades civis e colectividades vimaraneses.

A procissão realisada no dia 15, constituiu uma imponente consagração á Virgem da Oliveira, incorporando-se 7 andores: Nossa Senhora da Conceição, de S. Francisco, Madede-Deus, do Campo da Feira, Nossa Senhora do Rosario, de S. Domingos; S. S. bastião, de S. Damaso; Santo Antonio, de S. Domingos; S. Francisco e Nossa Senhora da Oliveira.

Encorporaram-se todas as irmandades da cidade e grande numero de figuras alegoricas e anjinhos.

E' digna dos nossos elogios a incansavel Meza de Nossa Senhora da Oliveira, pela boa organização e compostura desta imponente solenidade, e, tambem, o nosso presado amigo sr. dr. Adelino Jorge, Juiz da Irmandade dos Santos Passos, que foi, como sempre, de uma grande dedicação e zelo e a cargo de quem ficou a organização de tão formoso e significativo cortejo religioso.

Os predios por onde passou a procissão achavam-se engalanados de ricos damascos e repletos de senhoras da melhor sociedade vimaranesse. Tambem naquele dia a cidade apresentava um movimento desusado, vendo-se coalhadas as ruas, principalmente de povo das nossas aldeias e dos visinhos concelhos de Fafe e Felgueiras.

## CARTILHA MONARQUICA

## CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS.

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.mo Snr.